

A INVISIBILIDADE RACIAL NA INFANCIA ATRAVÉS DE PERSONAGENS FEMININAS DA LITERATURA INFANTIL

ROSANA MARTINS DOS SANTOS¹

MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹ UFPEl – rosanapmsantos@gmail.com

² UFPEl – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a apresentação de movimentos a respeito da construção da dissertação de Mestrado, que é movido por uma inquietação acerca da invisibilidade racial na infância. Busco apoio em leituras de Nilma Gomes que trabalha com as questões raciais, Manuel Sarmiento que trata sobre infância, a exploração e utilização da leitura infantil me sedimento em Paulo Freire, direcionando o olhar para as personagens femininas, com o auxílio de leituras feministas de Heleieth Saffioti.

Esta pesquisa tem como locus a sala de aula, com crianças entre sete e oito anos, na escola pública em processo de alfabetização, na cidade de Pelotas RS.

O objetivo é, por meio de diversas literaturas infantis, trazer a figura feminina negra como protagonista, contribuindo assim para construção de possibilidades de ser/existir outras princesas se não aquelas apresentadas pelas obras clássicas de literatura infantil.

Para isto, parto de premissas:

- I. As obras clássicas da literatura infantil despertam o interesse para a leitura, constituindo-se como uma forte ferramenta na formação humana.
- II. As obras clássicas da literatura infantil, como uma possibilidade para identificação racial enquanto prática pedagógica em sala de aula, obras selecionadas objetivam a equidade social pela construção de valores e significados que valorizem e respeitem o ser negro bem como a figura feminina e masculina de forma positiva.

2. METODOLOGIA

Inquietações acerca da temática das relações étnico-raciais e gênero provoca-nos a percorrer neste projeto as representações e identificações sociais num determinado universo - educação básica estadual - cuja investigação será de natureza qualitativa de personagens femininas nos contos de fadas e literatura infantil.

Os sujeitos de pesquisa são crianças na faixa etária entre sete e oito anos de idade, numa turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual de ensino. Por se tratarem de práticas pedagógicas da própria mestranda a serem fundamentadas, buscamos apoio ainda em estudos na metodologia da pesquisa qualitativa participante.

No estudo, são utilizadas personagens negras para questionar, problematizar e equacionar a cultura voltada a infância contemporânea com crianças da educação básica. No presente estudo busco a possibilidade de desenvolver de forma lúdica a equidade social, reafirmada pelo mundo adulto de papéis estereotipados quanto a figura feminina e negra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando as publicações infanto-juvenis, cuja maior parte das literaturas ainda contemplam personagens brancas, princesas na sua maioria brancas, loiras e lindas (nos padrões de beleza hegemônicos), considerando que em nossa sociedade dita “branca” - ainda que não seja tão “branca” assim - o belo é sinônimo de pele bem clara, de preferência olhos também claros e cabelos bem lisos. Esses aspectos desfavorecem a população negra socialmente, com suas características próprias que divergem do padrão imposto e aceito. E isto a mídia consegue muito bem reafirmar, validar e impor.

A dissertação encontra-se andamento. Atualmente estamos em fase de coleta e análise de dados. Embora ainda sem resultados conclusivos, alguns aspectos são possíveis de serem destacados.

Destaco algumas experiências a partir de leituras realizadas, onde houveram manifestações de preconceito em relação às crianças negras. Como a turma gostava de histórias, decidi utilizar a literatura infantil como norte para investigar as ideias que as crianças possuíam a cerca das diferenças raciais. A obra escolhida foi Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado.

O livro foi selecionado por sua forma clara, simples e rica dos temas como pertencimento racial e infância.

Principiando do poder de identificação que o leitor tem com as histórias e seus personagens, dos quais são construtores de identidade, de reconhecimento, esta obra especificamente contempla o orgulho da pertença de ser negro, além de desmistificar o ser negro, enfatizando as características da menina, o respeito pelas diferenças, analisando as publicações infanto-juvenis cujo na maior parte as literaturas contemplam personagens brancos, princesas na sua maioria brancas, loiras e lindas, considerando que em nossa sociedade “branca”, ainda que não seja tão “branca” assim, o belo é sinônimo pele bem clara, de preferência olhos claros e cabelos bem lisos. O que desfavorece o negro socialmente, com suas características próprias que divergem do padrão aceito. E isto a mídia consegue muito bem reafirmar, validar e impor.

O favorecimento da escolha desta obra, foi a oportunidade de observar como uma prática voltada às diferenças entre os iguais, iguais estes que são crianças enquanto construção social com pertencimento a uma categoria social chamada de infância. Esta contribuição literária possibilita a todos os envolvidos no processo de (in)visibilidade, a reflexão acerca da identidade, bem como a valorização das características corporal, independente da raça individual.

Ao analisar uma menina negra como protagonista, com sua pele escura e seu cabelo enroladinho coberto de laços de fitas que desconstróem estereótipos até então adquiridos culturalmente, com este contato a visualização de uma outra proposta de ver e sentir, inicia-se todo um processo de naturalização, reconhecimento do eu, do outro, do nós .

Foi trabalhado junto as crianças a leitura da história com uma cópia para cada aluno, primeiramente pela professora e posteriormente pelos alunos que desejavam realizar a leitura total ou parcial da Menina Bonita do laço de Fita.

Depois de várias lidas, havia o refrão repetido alegremente:

- Menina bonita do laço de fita, qual teu segredo para ser tão pretinha?

Após questionamentos foram realizados com o intuito de chamar a atenção sobre a protagonista, suas características, a relação mãe e filha, olhada apaixonada do coelho pela cor da menina bonita do laço de fita, as diferenças entre os filhotes



de coelho, enfim foi dialogado todas as características dos personagens da história. Após foi distribuído partes da história em várias folhas de papel ofício e giz de cera com várias tonalidades de marrom, objetivando que cada criança desenhasse uma parte da história. No outro dia a proposta era diferente, as crianças escreviam a história através de imagens xerocadas do livro. Ao longo deste trabalho foi observado os diálogos entre as crianças a cerca da cor da menina, a cor dos filhos do coelho, a cor da mãe da menina. Observei que as crianças desconheciam os diferentes tons de marrom que possibilitam o melhor reconhecimento do tom de pele de cada um. O uso de um material que expressa a maior compreensão dos tons de pele favorece muito mais o reconhecimento de quem sou eu!

Uma outra experiência foi com a obra clássica Cinderela. Após leitura, sequência didática, releituras da própria obra, apresentei uma outra Cinderela, uma proposta onde a Cinderela era uma menina negra. Sempre faço uma apresentação regada de muito mistério e encantamento, escondo a capa e peço que imaginem o que será que vai tratar tal obra. Após toda dinâmica de apresentação, mostrei a capa do livro. Para meu espanto, decepção e verificação do quanto há estranhamento referente ao pré-estabelecido no imaginário infantil. A Cinderela apresentada, era uma menina pobre, negra e de cabelos bem crespos, algo que para eles naquele momento não se parecia nem um pouco com as Cinderelas midiáticas.

Neste ponto, os personagens não assemelham-se aos estereótipos de outros livros, nela existe uma valorização da criança negra. A menina protagonista escapa aos padrões de beleza socialmente dominantes que teimam em ditar o modelo do belo focado na pele branca, nos olhos claros, nos corpos esbeltos e nos cabelos lisos. Ela oferece ao leitor a possibilidade de um outro modo de existência. Esse outro modo parte em alargamento nas formas de ser e estar no mundo que fazem também tecer lugares, tempos e modos de agir. Através da leitura desta obra houve a criação de uma saída que recusa o jogo da reprodução dos modelos.

4. CONCLUSÕES

Os contos de fadas tradicionais trazem personagens constituídos conforme o mundo patriarcal imprime, que afetam a autoestima e oprimem, ainda que subjetivamente, o/a leitor/a por meio da rejeição, violência e inúmeras desvantagens frente à supremacia dos príncipes e reis, diante da subordinação das personagens femininas durante a história toda, para só no final ser princesas e rainhas casando-se e felizes para sempre, reafirmando assim o papel social da subordinação feminina. Com propostas literárias contra hegemônicas, tanto as meninas negras como as não negras possuem a possibilidade da visibilidade social.

A dissertação em construção visa estabelecer algumas reflexões sobre as relações entre etnia e educação. Reflexões e preocupações ainda em andamento, mas que ganharão corpo, a partir do desenvolvimento da pesquisa participante enquanto mulher negra e professora das séries iniciais do ensino fundamental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Editora Paz e Terra. 12ª Edição.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia _ O cotidiano do Professor*. Tradução de Adriana Lopez, revisão técnica de Lólio Lorenço de Oliveira _ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo : Editora PAZ e TERRA, Coleção Leitura, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Notas de Ana Maria Araujo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho d' Água, 1997.
- GHIGGI, Gomercindo. *A Pedagogia da Autoridade a Serviço da Liberdade*. diálogos com Paulo Freire e professores em formação.- Pelotas: Seiva, 2008.
- GHIGGI, Gomercindo; PITANO, Sandro de Castro. Origens e concepções de autoridade e educação para a liberdade em Paulo Freire: (re) visitando intencionalidades educativas. São Paulo/ MA:EDUFMA, 2009, 94 p.
- GOMES, Nilma Lino. *Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas*. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação* – RBPAE, v.27, n.1, jan./abr. 2011, p. 109-121.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.17-39).
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais, *O Social em Questão, PUC-Rio de Janeiro*, XX, nº21, p.15-30, 2009.